

A COMEDIA SOCIAL

Anno 2

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Nº 36



Advertencia

Este são os quatro quadros necessarios e indispensaveis para a O
Comedia social, a fim de se estabelecer a sua publicação. Rua
 do Rozario Nº 43, P'anda, onde se recebem assignaturas.

Preço das Assignaturas

CORTA E NUTRIEIROHT	Preço as Proximas
Anno - - - - - 8 000 0	Anno - - - - - 10 000 0
Semestre - - - - - 4 000 0	Semestre - - - - - 6 000 0
Numero Avulso - - - - - 200 0	

Programma

A **Comedia Social** tem por fim promover a educação do povo e sua regeneração física, intellectual e moral. Unicamente aos direitos e deveres legitimos do hoje de **colletores e habilitados** por **uma licença** **lenta** e **possivel** a **governar-se** e **se unirem** a **força de Deus** **uma** **vez** **grande** e **corpo** **tudo**. O **meio** que **emprega** é a **caricatura**, e a **critica** **satirica** **dos** **vicios** e **abusos** que **corrompem** a **nostra** **sociedade**, **de** **modo** **que** **de** **seu** **modo** **de** **viver** **da** **vida** **da** **ciencia**, **da** **religiao**, **da** **politica** **e** **do** **trabalho** **em** **geral**.

Na **luta** **contra** **do** **mal** e **do** **mal** e **do** **mal** e **do** **mal** **para** **seu** **beneficio** **aparte** **do** **mal**.



As sete pastas do Imperio

Rapazes novos e tolos,
 Não cedo vos não caseis;
 Não ha mais mulher intacta
 Da politica no entremes.

A COMEDIA SOCIAL

170 DO JANEIRO, 1.º DE MARÇO DE 1871

Uma vocação análoga.

VI

Erant nove horas da noite, quando viriam preparar ao inspector que os convidados do baptizado se estavam ensaiando para fazer descidas.

Havia o inspector reconhecido a quatro urbanos que estivessem promptos a prenderem voz, e tal nomenclatura pôz-se em marcha para o cortico a frente dos quatro homens a fim de impedir qualquer desagraviado.

Ao chegar ao terceiro da casa do Jogo do Pau, tirou do bolso a sua faceta verde e examinou e examinou a juia peçoço e tiracôlo.

Levava também n'um cinto um revolver carregado com seis tiros.

Ao ver todos aquelles preparativos, alguém poderia pensar que o representante da policia alli estava para presidir a alguma sessão e umquillo a Honra do Juiz.

Mas não. S. S. tinha outra intenção tão sinistra; o seu fim era ao contrario altamente humano e humanitario; desejava apenas oppôr-se a que tanto regosijo acabasse em algum dia de barreira.

Como autoridade legalmente constituída e ao dizer isso, sempre S. S. batia fortemente com a palma da mão direita sobre o peito esquerdo, com autoridade legalmente constituída estava decidido a todo trance a suffocar talh quanto fosse desordem.

— Vêo o Sr. inspector! gritaram illibos e illibos, apenas o viram.

— Uma cadeira para o Sr. inspector, gritou um carroceiro officioso.

Sr. inspector, um copo de cervaza! gritaram dois creoulos presentes.

— Obrigado, meu povo! Não desejo incommodalos; vim aqui assistir um pouco a sua festa. Não se constrangam; estejam inteiramente a seu gosto.

— Como se encheu! Como está cheio de fumaça! rousou o Vicente Penha, ao ver a recessa do inspector.

Bateo de engongo... ou não, S. S. alli estava arando, forte e... inspector de quantidade!

No tempo em que dançavam os convidados da festa, lançavam algumas arvores. De lá amarravam cordas de uma arvore a outra, e as cordas dependuravam roupa lavada.

Nessamora as arvores estavam contribuidas para maior recato da festa. Grande numero de globos de papel de varias cores com luzes dentro, pendia das cordas e enfeitava as arvores, espargindo claridade sobre o terceiro. Tinha-se tambem encendido uma fogueira, por cima da qual pendavam alguns dos convivas, e tudo parecia indicar antes uma festa de arraial ou de illibos do que um baptisinal celebrado na cidade de S. Sebastião.

Encostado a uma arvore S. S. disimula-se a ser espectador daquelle folia, quando o Vicente Penha convidou um dos companheiros para um combate simulado de carulo.

S. S. frauzo o sobrolho, ao ouvir a palavra cacete; mas, como a cousa parecia lida de o caracter de brincadeira, não fugirem inuogo.

O Vicente começou a tomar posição de attento e de atento, e no momento em que seu companheiro ia dar-lhe um bote, appareo a policia rapidamente e responderam com tal desreza que fez voar pelos ares o cacete do seu adversario.

Em todos os seus movimentos o Peroba procurava sempre approximar-se ao inspector. Percebendo isso, um dos urbanos segredou a autoridade que tomasse sentido, pois parecia-lhe não serem boas as intenções de Vicente.

Realmente o plano do moço leiteiro era, achando occasião azada, descarregar umu forte palada da calçada de S. S. assim se a cousa fosse feita casualmente.

O inspector pôz-se logo de sob'aviso, e quando o Vicente estava já muito proximo, sacou do revolver e disparou-lhe um tiro.

Atônitos e surpresos com a detonação, immediatamente todos pararam a dansa.

O moço leiteiro do susto não pôde os sentidos. Apeceitollhem, amnoy, ebegeu e humilmente á autoridade, e entregou-lhe o cacete.

— Se inspector, aqui está a minha bilha. Que susto V. S. me pregou!

— Não se fôr assim assustado, não disparei o tiro, foi para que a bala acertasse.

— Havia V. S. queria matar-me, Sr. inspector! Que mal fiz eu a V. S.?

Mas não disse que não tollo valor ao meu pitarer; e todo aquelle que quer fazer pitarer, tem de haver-se comigo. Camaradas, acerescentou o inspector dirigindo-se aos urbanos, artycilem quantos caests encontrarem aqui, se algum quizer resistir, confiduzam-se preso em me diatamente.

Ouvindo taes insinuações, os convivas ficaram mansinhos como cordeiros. Os urbanos sem a menor opposição fizeram umu collecto de quatorze cacetes.

De ora em diante, disse o inspector, se me constar a menor desordem entre vós, falo-lhe no mesmo instante a seguir termo do bem viver. E quanto ao regosijo do pitarer, a policia preventiva a esse sentido tranzi como consequência a cadeira para o desordeiro, ficam abi dois guardas para vigiares, e não trairam do polente a policia a prova.

Retirouse o inspector com dois dos urbanos. Os illibos abatidos e acubrimbados com aquellas ameaças, perderam todo o desejo de divertirse. Alguns illibos procuravam ver se davam animação a fiteção; mas tudo foi baldado. A's onze horas e meia já não havia mais um conviveido, tinham desaparecido os lanternas de papel, e o terceiro estava em completa escuridão.

A noticia da presença do Vicente com o inspector chegou logo aos ouvidos do dono das vacas. Como sempre acontece, levou-lhe a noticia correcta e augurizada. Contaram-lhe que o Vicente havia sido preso por ter dado uma facada i'um urbano.

— Eu com um assassino danquelles em casa! exclamou o leiteiro, pulado as mãos na crepaca.

Imagina para qual lado seria o espirito e o medo do homem, ao ver o Vicente entrar-lhe em casa com o cabelo caído sobre um olho e com uma cara tenebrosa.

Affligou-se-lhe logo que o Vicente havia fugido das mãos das guardas; e que estes viabam-lhe no encosto.

— Pela d'ajui, m'itudo! gritou-lhe o leiteiro. Para fora de minha casa, ou grito a policia.

— Não preciso estar em sua estribaria, replicou o Vicente com azedume. Vin aqui buscar umu troço de roupa e nada mais.

E agarrando na trouxa, saiu o Vicente, batendo tão fortemente com a porta, que todo o quartinho de taboas estremeceu.

E d'esta maneira viu-se ainda o Vicente uma vez sem emprego, e sem abrigo.

RECADOS DOS AMIGOS

Ahi ha coiza!

CANTINHA DO PAU

Anda o povo sempre as tentas
Nas suas negocias do Estado
Aguarda e amarrando
Nem voltam a ser o mesmo
Escuta-se a sua voz em
Quando em cima ha contradição;
E vive p'isso logado.

Alerta, povo miúdo!
Não seas manol-de-souza;
Attenta bem nisso tudo:
Ahi ha coiza!

Quem tinha mais dinheiro
Do que o povo, nunca vi
Mas apostou d'aqui,
Que dos dois a maioria
E' desses procuradores,
E quem ficava dizia
Que procurava a as...

Alerta, povo miúdo!
Não seas, etc.

Falam muito em liberdade
E em justiça e em igualdade
Mas para o povo e se real
A lei da recrutamento,
Do pólen a prolesta,
E o capoeira e tormento
Da justiça turca.

Alerta, povo miúdo!
Não seas, etc.

Mas se amarram a policia,
Linha pouco se ha Kúlia,
Mas o pedro, para o paulo,
Fora um pedro e um paulo;
Mas, acabou a função,
Se cubra na fidelia
E chama o povo—camuffa!

Alerta, povo miúdo!
Não seas, etc.

No campo Fuldolado,
Rexibido exaltado,
Apparece transformado
Em congresso de Camo;
Eh-se, em mudanças illal,
Da policia a reforma,
Republicano euzado!

Alerta, povo miúdo!
Não seas, etc.

Do um ministro o venimento
Pouco sobre a tranquilidade
E no Brasil de uma semana
O povo, mesmô não basta;
E ha honra de encheimento
Que a policia de encheimento
Seu macaco por banana.

Alerta, povo miúdo!
Não seas, etc.

Ha lá subir e cair
De ministros na historia
Que já torrou-se a historia
A idea do grande abalo,
E faz mesmo a gente rir.
Vendo abi tanto e tanto
De estadista com vangloria.

Alerta, povo miúdo!
Não seas, etc.

Sem fim sem saber que ha
E vale para saber que for,
E para subir outra vez
Um fevêr que damnado
Cada qual se, seu e az.
E o sombo, o povo, o soldado,
Quem paga todo o encheimento.

Alerta, povo miúdo!
Não seas, etc.

Que ha no Brasil a policia
Dizem em brado alto e baixo
E que os ministros a um lado
Vivem pela acção, fatal,
Mas se não ha o encheimento,
Não ha, cavalleiro.

Alerta, povo miúdo!
Não seas, etc.

Os estadistas, mesquinhos
Que, emquanto a policia
Disco a policia, a policia
Para dizer o que se quer
E a policia seus sobrinhos,
São a policia do poder nosso
Sabem so e veudo a noy.

Alerta, povo miúdo!
Não seas, etc.

Taos ministros, são inimigos,
Deram o conceito,
Focou-se em ler no asno
Apôlo o poder guardado,
São, são, ministros plantados,
Que a policia, a policia, se escuram,
Como aos de arribação.

Alerta, povo miúdo!
Não seas, etc.

Povo! estáh a nossa terra,
E quem está a gloria tua,
E quem, no bra, não pedia
Um a policia embalsamada.
A esses, apôlo ingente,
E a policia, a policia,
Deves mandar a tabia.

Alerta, povo miúdo!
Não seas manol-de-souza;
Attenta bem nisso tudo!
Ahi ha coiza!

(Continua)



—L... J... E, pária! quanto presente! aqui é que é a redacção do *Jornal de Commercio*!



—Dito! deste áceruo... mo... mi, parece! que não regula: está só a sair e a descer com o tempo!



—Sen, doutor careção, o que haide fazer p'ra este meu do que é tão besta?
—A senhora marid'ço para a academia de S. Paulo, que por' forças haide voltar intelligente.



—Coma, Magestade, pois nós ainda havemos de tornar a France?
—De tornar socente não: de governar.



Entre políticos diversas

—Supp'cedho fazer, acontecer...
—Ops. Quitaria, deixava de poesias, que no nosso idalle é só a realidade.
—Sim: esta é a real idade.



O novo gabinete com sua nova politica.



—Salvei, salvei a humanidade! Acabo de inventar uma espingarda que mata quinhentos homin' n'um segundo!